

A lembrança de José Honório Rodrigues

Walter F. Piazza

A Nação Brasileira perdeu um lutador pela defesa e renovação dos estudos sobre a “memória” nacional: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES.

Os seus artigos e os seus livros fazem, hoje, parte da Biblioteca de qualquer estudioso desta geração, quer concordando, quer discordando de suas orientações de conteúdo, quer de suas posições filosóficas ou metodológicas.

Li seus livros desde a primeira edição de cada um deles e fiz deles o fulcro para a discussão em minhas aulas de Historiografia Brasileira, de Metodologia da Pesquisa Histórica e de História do Brasil Colonial.

E qual o Professor Brasileiro, ligado aos estudos da nossa História, que não o fez?

O meu contato com a obra de José Honório Rodrigues tem início com a leitura do então modesto *“A Pesquisa histórica no Brasil. Sua evolução e problemas atuais”* (Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1952), hoje um alentado livro, em várias edições, revistas e aumentadas (São Paulo, Cia. Editora Nacional, Col. “Brasília”, grande formato, v. 20, 1969), onde defrontei com a colocação em que ressalta o papel desempenhado em nossa historiografia por Francisco Manoel Raposo de Almeida, figura sobre a qual já iniciara estudos (PIAZZA, Walter F. *Roteiro de um jornalista açoriano. Estudo biobibliográfico*. Angra do Heroísmo, Tip. Andrade, 1955. Separata do v. 13 do *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, 25p.) e que por isso mesmo, mereceria, logo, uma informação ao grande estudioso da História Nacional.

A partir daí a relação autor-leitor é continuada.

A sua *“Teoria da História do Brasil”* (São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1949) passa a ser leitura obrigatória, como o foram todas as suas demais publicações, a partir de então.

Passamos a ter, também, uma relação de estima mútua, sublinhada quando, em diversas ocasiões, nos encontramos, quer na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — onde realizou obra notável dando continuidade à publicação dos documentos históricos (volumes 71 a 110) —, ocasião em que enriqueceu o seu acervo com alguns núcleos documentais, ou, ainda, na direção do Arquivo Nacional, para o qual levou uma mentalidade renovadora, com a aplicação de novas metodologias arquivísticas, com a publicação de manuais técnicos, imprescindíveis para a implantação da modernização pretendida.

Entre os núcleos documentais que incorporou à Biblioteca Nacional

e ao Arquivo Nacional está o acervo do "Sindicato Farqhar", adquirido pelo Governo Brasileiro, por conter documentação respeitante à "Brazil Railway Co." e às suas subsidiárias, além de outros importantes fatores do desenvolvimento econômico do nosso País (Itabira Iron Ore Co., para exemplificar).

Disseminou a idéia da necessidade de se fazer uma revisão da História do Brasil, quer a partir da crítica e anotação da bibliografia existente — como o fez com os "Índices anotados" das revistas dos Institutos Históricos do Ceará (1959) e de Pernambuco (1961), ou, mais aprofundadamente, com a "*História da História do Brasil — 1ª Parte — Período Colonial*" (São Paulo, Cia. Editora Nacional, Col. "Brasiliana", grande formato, v. 21, 1979) —, partindo do exemplo de Capistrano de Abreu, que tomou como paradigma, pois, dele disse ser "a mais lúcida consciência da historiografia brasileira" e de quem preparou a 4ª edição de "*Capítulos de História Colonial*" (Rio de Janeiro, Livraria Briguiet, 1954), com notas e prefácio, bem como publicou a "*Correspondência*" (Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 3v., 1954-1956).

A leitura de seus livros mostra-nos um Historiador com senso crítico, um permanente e exigente analista da nossa sociedade e, portanto, da nossa História.

Assim de um lado, está o Historiador combatente que se mostra em "*Independência: Revolução e contra-revolução*" (Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves Editora S.A., 1975, 5 v.), onde nos oferece, de uma forma bastante crítica a evolução do Brasil Colonial, até o momento da nossa Independência Política, em 1822, analisando a evolução política (v. 1), a economia e a sociedade (v. 2), as forças armadas (v. 3), a liderança nacional (v. 4) e a política internacional (v. 5).

José Honório Rodrigues apresenta, então, uma História rica em documentação, onde procura defender uma nova filosofia de vida e, incontestavelmente, um tratado de defesa da nossa vivência, como nação que quer ser e sobressair.

Mas, ao lado de cada obra de aprofundamento documental ele nos oferece aquela outra, também, com maior contribuição. Tal é *Conselho de Estado, o quinto poder?* (Brasília, Senado Federal, 1978).

Nesta obra, além de estudar a evolução do Conselho de Estado, a partir das suas origens, dedica-se à análise da instituição em diversos países europeus, e, assim, demonstrando a diferença fundamental na evolução brasileira, notadamente os ajustes que sofrem, no decorrer do tempo, fazendo uma reflexão sobre as nossas matrizes políticas.

Entretanto, a grande demonstração do seu combate pela História já havia marcado época "*História e Historiografia*" (Petrópolis, Vozes, 1970). Ali estão as suas grandes lições. De um lado, analisando a obra de cada um dos grandes mestres da nossa Historiografia, como Francisco Adolfo Varnhagen, Rodolfo Garcia, Afonso d'E. Taunay, Capistrano de Abreu e Serafim Leite, de outra parte, apontando os grandes teóricos

da História, a partir do contemporâneo Arnold Toybeen com sua magistral obra. E, tudo isso precedido por uma parte intitulada “Estudos brasileiros”, onde enfocou a sua análise de grandes temas da nossa História, desde os descobrimentos marítimos portugueses e a “universalidade” do feito até a evolução da nossa aviação.

Nestes últimos estudos tem-se a sua reflexão, o seu nacionalismo bem marcante!

Mas, o José Honório Rodrigues que me marcou foi o ser humano despojado de qualquer jactância, que, por várias vezes, cruzou nos meus caminhos.

Numa primavera, em Vitória, ES, quando em pequeno grupo, após um dia de discussões sobre metodologias históricas, nos reunimos, juntamente com três amigos capixabas, num pequeno bar na Praia de Tamburi, e, ali, ficamos, boas horas, falando de amenidades, mas também, da destinação de seus arquivos.

Ficava angustiado com o futuro dos seus papéis, dos seus fichários, caso ele e sua esposa — essa dinâmica Lêda Boechat Rodrigues, sua companheira de muitas incursões intelectuais e de todas as horas, como secretária efficientíssima e colaboradora insuperável — viessem a falecer.

Depois, quando, em 1979, pleiteei do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) bolsa para pesquisar nos arquivos portugueses, ele foi o relator e aprovou o meu projeto, ocasião em que me disse ser o mesmo ambicioso. Quando, mais tarde, lhe mostrei os resultados, falou-me do seu espanto quanto à produtividade que demonstrara.

E, finalmente, em Belo Horizonte, durante uma Reunião Anual do CEPEHIB (Centro de Pesquisa da História da Igreja no Brasil), ocasião em que proferiu a palestra inaugural, tivemos, mais uma vez, a oportunidade de discutir e trocar idéias, à sombra daquele Convento, onde se realizavam as reuniões, sobre os rumos das pesquisas históricas no nosso País.

Nessas ocasiões de encontro informal José Honório Rodrigues se despia da vestidura espessa, qual armadura impenetrável, que, sempre, o fazia distante e acima dos seus auditórios.

O Brasil fica-lhe a dever o novo posicionamento das atuais gerações, diante da sua História, ele que em vida, fora objeto de análise, numa bem elaborada tese de doutoramento, apresentada e defendida na Universidade de São Paulo, pela Prof. Dra. Raquel Glezer, “*O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*”, numa demonstração de quanto a sua obra é útil à coletividade científica brasileira.